

O Movimento de Arte da Ribeira: perspectivas do coletivo e da arte moderna em Pernambuco dos anos 1960

Emanuelly Mylena Velozo Silva¹

Resumo: A partir de 1960, diversos coletivos artísticos nascem em Pernambuco. Um deles, o Movimento da Ribeira, surge com um paradigma de unir o popular na arte erudita, além de oferecer uma educação artística mais descentralizada e participativa. Este artigo utiliza-se do método da pesquisa histórica e visa tratar deste momento da história da arte pernambucana.

Palavras-chave: Movimento de Arte da Ribeira. Arte moderna pernambucana. Coletivos artísticos.

The Ribeira Art Movement: perspectives of the collective and modern art in Pernambuco in the 1960s

Abstract: From 1960 onwards, several artistic collectives were born in Pernambuco. One of them, the Movimento da Ribeira, emerges with a paradigm of uniting the popular in high art, in addition to offering a more decentralized and participatory artistic education. This article uses the method of historical research and aims to address this moment in the history of Pernambuco art.

Keywords: Ribeira Art Movement. Pernambuco modern art. Artistic collectives.

1 Possui graduação em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (2018). Especialização em História da Arte pela Universidade Estácio de Sá (2020). É Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV - UFPE (2022), com Linha de Pesquisa em Teoria e História sobre as Artes Visuais. Pesquisadora e produtora cultural. Rua Anápolis, 72, apt. 202, Casa Caiada, Olinda-PE, 53130-630. E-mail: manu200862@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0203-432X>. LATTES: <https://lattes.cnpq.br/1702160511668392>. Olinda, Brasil.

Introdução

O século XX foi um período de grande efervescência cultural e artística em Pernambuco. Um dos principais legados deixados aos dias atuais foi o movimento de arte modernista e regionalista, que tem seu pioneirismo em Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro e anos depois com outros artistas e grupos, como o Atelier Coletivo, que tem como um de seus fundadores o artista Abelardo da Hora.

O Atelier Coletivo teve como marca essencial o senso de coletividade, como seu próprio nome relata, onde diversos artistas se juntaram para desenvolver, debater e praticar a arte moderna que já rondava em Pernambuco. É certo que o movimento gerado pelo Atelier, que neste ano completa setenta anos de sua origem (1952), iria influenciar diversos outros artistas e grupos. O Movimento de Arte da Ribeira, que este artigo pretende abordar aqui é, sem dúvidas, um fruto gerado pelo Atelier Coletivo.

O Movimento de Arte da Ribeira teve suas atividades iniciadas em 1963 e abordou não apenas acerca da arte moderna pernambucana, mas também levantou um debate importante nas artes visuais, já em solos olindenses: a abordagem e inclusão da arte dita popular e o artesanato dentro de seus ateliers e exposições, algo ainda visto com certo distanciamento pela “elite” artística brasileira. Também abriu cursos de história da arte, desenho, pintura e entre outras modalidades nos espaços do Mercado da Ribeira, edifício histórico colonial que foi lugar-sede do movimento. Os cursos possuíam como diferencial bolsas para alunos e alunas de classes mais baixas, numa tentativa de receber discentes de todas as classes.

O Movimento de Arte da Ribeira também levantou importantes questões na área do patrimônio material e imaterial do Sítio Histórico de Olinda. Pode-se dizer que a partir da restauração arquitetônica feita no Mercado da Ribeira, lugar que serviu de local de produção e das exposições dos artistas, o Centro Histórico viu-se em um momento de olhar para si, havendo discussões, posteriormente, para habitar e preservar o perímetro histórico olindense.

Portanto, este texto pretende abordar, primeiramente, o Mercado da Ribeira, lugar este que data provavelmente do século XVII e que, além de ser o espaço ocupado pelos artistas, também deu nome ao movimento artístico. Logo depois, será discutido o surgimento do movimento e os

artistas que formaram o grupo da Ribeira, além das principais exposições. Por último, antes das considerações finais, o legado que o movimento de Arte da Ribeira deixou para a formação de dezenas de coletivos artísticos e com sua linguagem visual que influenciou e influenciou artistas pernambucanos ainda nos dias contemporâneos, além de seu ativismo com as questões patrimoniais e culturais.

É importante relatar também que as pesquisas feitas acerca do Movimento da Ribeira são raras, possuindo um arcabouço teórico ausente e a disposição arquivística de difícil acesso. Portanto, este artigo também vem sendo escrito na tentativa de ser uma publicação que traga relevância ao Movimento para que, futuramente, mais pesquisas e curadorias venham a ser feitas sobre este período artístico em Pernambuco.

O Lugar: o Mercado da Ribeira antes do Movimento de arte

Em pleno Brasil Colônia, Pernambuco - mais especificadamente, Olinda - foi um dos primeiros lugares ocupados e invadidos pelos colonialistas portugueses. Sendo uma das doze capitanias, Pernambuco, assim como outras regiões, teve a cana-de-açúcar como produto predominante nos primeiros séculos de invasão (Del Priori, 2016). No século XVII em Olinda já haviam as primeiras vilas, onde hoje localiza-se o Centro Histórico, além dos grandes engenhos construídos nas várzeas dos rios e no que hoje é a Região Metropolitana do Recife (RMR), além de toda a Zona da Mata adentro.

O Mercado da Ribeira, que em meados do século XVIII, em 1766, era conhecido como *Praça do Pelourinho* ou *Pelourinho da Ribeira*, não possui documentos que atestam a data exata da sua construção, porém há registros de um ofício do Conselho de Preservação do Sítio Histórico de Olinda (1982) de que em finais do ano de 1693 o lugar já existia. Construído próximo ao cruzamento dos Quatro Cantos, “local sempre preferido para as atividades mercantis” (Barbosa, 2020) o Mercado fora edificado, provavelmente, para servir de mercado público: um açougue com aspectos de uma pequena feira livre, e teve esse uso até início do século XX. Lá vendiam produtos “de primeira necessidade” (Barbosa, 2020). como carne verde, peixe, farinha de mandioca e outros alimentos típicos do Brasil colonial.

O monumento fora construído em formato de “U” onde, em suas duas laterais, possui pequenos *boxes* e na parte “central” um depósito com maior espaço, o que eram “lojinhas” onde os vendedores trabalhavam com a venda dos produtos. Há também no subsolo um espaço existente, mas não foram encontradas fontes que relatassem o uso dessa parte inferior do mercado.

Segundo Santos (2006) sua estrutura arquitetônica, assim como a de outros edifícios públicos, foi influenciada pela arquitetura colonial religiosa, mais precisamente da Ordem franciscana:

O mais curioso e visível é que a arquitetura civil também tenha sido influenciada [pela arquitetura religiosa]; como é o caso do pátio do Mercado da Ribeira em Olinda, onde nitidamente vê-se uma réplica de claustro conventual franciscano. (SANTOS, 2006,p.41)

Como mostra a figura 01, o mercado possui esse “terraço”, mais conhecido como largo, estruturado por colunetas, assim como nos pátios dos conventos e seminários religiosos construídos no Brasil entre os séculos XVI ao XVIII. Ele também ainda possui outras características próprias da época de sua construção, como o piso de tijolos e o batente de pedra.

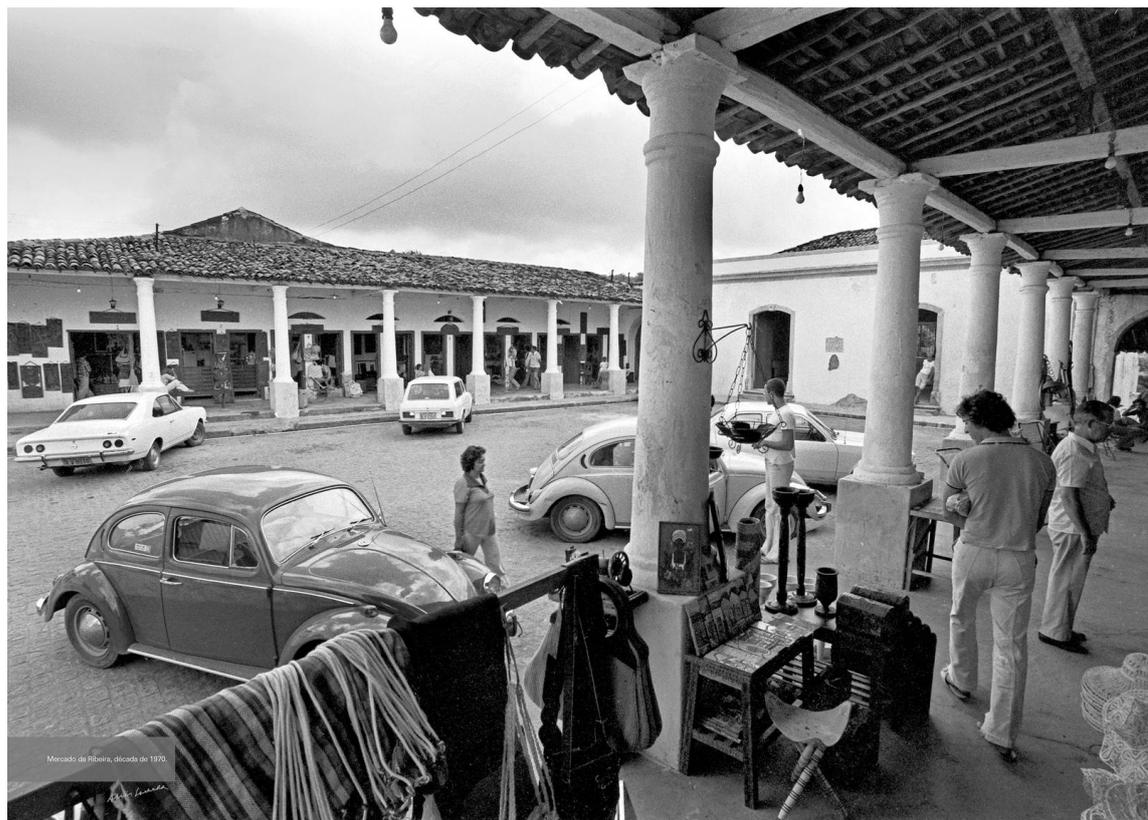
A Ribeira, como também podemos chamá-lo, é uma típica construção do século XVII brasileira com aspectos estéticos que vieram de influências portuguesas. Porém, a simplicidade das suas formas é resultado de duas questões: da utilização de materiais fornecidos em solo olindense e também, segundo Reis Filho (1978) da técnica empregada. O Mercado da Ribeira está localizado em uma das principais ruas do Sítio Histórico de Olinda - a Rua Bernardo Vieira de Melo - em frente ao que outrora fora o Senado da Câmara da Vila de Olinda, onde hoje restam apenas suas ruínas.

O Mercado da Ribeira, quando encontrado pelos artistas Guita Charifker e José Tavares quase três séculos depois, despertou o interesse de ambos, que o encontraram em um casual passeio pelo Sítio Histórico². Foi inclusive neste momento que avistaram o atelier de Ernani Barbosa já instalado lá.

2 Neste período do início dos anos 1960, o Sítio Histórico de Olinda encontrava-se bastante abandonado e sem muitos moradores nem atividades. Uma das importâncias do Movimento da Ribeira, que será visto mais à frente com mais detalhes, foi de dar ao Sítio mais movimento de moradores, artistas e eventos, dando uma ideia de um novo movimento de ocupação das ruas e casas históricas.

Figura 1

Mercado da Ribeira (1970), Fotografia, s/d, Alcir Lacerda. Fonte: <https://www.olinda.pe.gov.br/1362_h/>.



O local ainda não era oficialmente utilizado como ponto de artistas, mas alguns poucos artesãos possuíam seus ateliers instalados por lá, no começo dos anos 1960. Com isso, os dois artistas citados queriam organizar um movimento artístico e notaram no Mercado um espaço interessante para o movimento, e foram procurar Adão Pinheiro, à época um dos artistas que encabeçara o movimento e trabalhava no setor de patrimônio de Pernambuco. Adão acatou a ideia, e foram então buscar apoio municipal. O prefeito da época, Eufrásio Barbosa, cedeu o monumento e foi elaborado um contrato de dez anos pelo uso do Mercado.

O edifício estava duramente castigado pelos anos, precisando urgentemente de uma restauração arquitetônica, caso contrário os artistas seriam impossibilitados de usar o espaço. A restauração ocorreu, portanto, em 1964, um mês antes da inauguração com a primeira exposição. Foram os próprios artistas que realizaram o processo de restauro e que, segundo Barreto (2008) a boa qualidade do restauro no mercado se deu porque

os artistas seguiram à risca as orientações do DPHAN³, e também pela passagem de Adão Pinheiro, que, como já citado, trabalhava na sede do DPHAN em Pernambuco.

Antes de partir para o início do Movimento artístico, um fato curioso deve ser relatado por conta, inclusive, da restauração do edifício. Até os dias atuais, muitos guias turísticos, ao passarem com as pessoas pelo local, contam que o Mercado da Ribeira fora também um mercado de pessoas escravizadas. Porém, é apenas uma estória, e quem nega esse mito é um dos artistas que participou da fundação do movimento, Ypiranga Filho. Segundo Barreto (2008) o Mercado nunca foi um mercado de escravos. Eles inventaram essa história para conseguir chamar a atenção do departamento do DPHAN daquela época, inclusive colocando correntes no local, quando o Mercado estava sendo restaurado, como se fossem objetos de tortura achados, pois o mercado não era tombado nem possuía qualquer tipo de proteção. Portanto, criaram essa estória para constar no inventário do monumento, entregando fatos históricos fictícios para dar outros ares ao espaço e assim, o local ter mais “importância” para posteriormente ser tombado.

Muitos intelectuais e historiadores interpretam esse mito do Mercado como de “muito mal gosto” e que foi inventado para interesses particulares dos artistas para conseguirem o local, além de querer atrair a atenção dos visitantes. Na visão do pesquisador Marinho (2018),

O caso do Mercado da Ribeira demonstra uma manipulação da memória de um local. Ao se construir uma imagem de que ele teria sido um mercado de escravos, esta imagem se inscreve no imaginário da população que o visita, mesmo que ela não saiba se isso foi, de fato, verídico ou não (MARINHO, 2018, p.133).

3 DPHAN= Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O departamento se transformou em Instituto e sua nova sigla, hoje, é IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

O Mercado, logo após sua restauração e com o apoio municipal do prefeito da época, abriu suas portas dando um novo sentido ao seu espaço, a sua história e a lógica do Centro Histórico, que, como veremos mais pra frente, foi inundado de coletivos, ateliers, artistas e artesãos que moram até hoje nos casarões e sobrados coloniais e ecléticos, sem falar na mudança de paradigma das artes ditas modernas de Pernambuco.

O Movimento de Arte da Ribeira: seu surgimento, principais exposições e artistas

Antes de tratarmos dos artistas e das primeiras exposições do movimento, é importante atentar para algumas questões que são essenciais para entender como o Movimento da Ribeira surgiu, como o contexto histórico, político, cultural e artístico que se organizava entre as cidades-irmãs⁴ na época.

Antes do movimento se formar, o que estava ocorrendo artisticamente em Recife nos anos 1950 já era de enorme burburinho: desde a década de 1920 com o advento modernista de Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro, dois artistas já consagrados na época. Depois, o Atelier Coletivo, sob o “comando” de Abelardo da Hora.

O Atelier Coletivo foi peça-chave para o início do Movimento da Ribeira. Segundo a pesquisadora Juliana Barreto, a referência cultural dos artistas plásticos incentivadores do Movimento da Ribeira, em Olinda, “esteve fundamentada nas ideias difundidas pelo conhecido artista Abelardo da Hora” (BARRETO, 2008, p.54). Isto porque, além de ter a criação artística de obras muitas vezes concretizadas em sentido e pensamento coletivo, o Atelier de Abelardo visava um ensino de arte mais descentralizado – fazendo, portanto, um paralelo com a Escola de Belas Artes do Recife, ensino mais clássico e padronizado de técnicas e da própria História da Arte. Porém, é claro, a grande maioria dos artistas que compõem a formação do Movimento de Arte da Ribeira e também do Atelier Coletivo passaram ou se formaram na EBA de Recife.

4 Recife e Olinda

A ideia de ser uma espécie de “escola popular de artes” virou uma das essências do movimento e que, como veremos mais pra frente, os boxes do Mercado da Ribeira viria a ser, de fato, uma escola de artes visuais.

Além do fato de todo contexto cultural e artístico dos coletivos e da própria Arte Moderna que vinha formando e moldando diversos artistas em Pernambuco, um fato crucial foi, sem dúvidas, o golpe da Ditadura Militar. O Movimento de Arte da Ribeira já vinha se concretizando em solos recifenses, mas assim que o golpe fora instalado no País, Recife rapidamente se viu oprimida e boa parte dos seus artistas tiveram que tentar fugir de toda pressão e opressão militar. A ditadura e a perseguição dos vários artistas dos coletivos que eram de esquerda tornou a cidade do Recife pouco viável para a continuidade dos movimentos artísticos. O golpe de 1964 tornou Recife inviável para os coletivos manterem-se, e acharam em Olinda “um ancoradouro para os artistas que queriam continuar suas atividades” (BARRETO, 2008, p.62)

A tranquilidade e sossego que a cidade de Olinda ofereceu no começo da ditadura era, por ser conhecida na época, como “cidade-dormitório” (Córdula, 2013), vocábulo que faz alusão não só a calmaria, mas também porque a cidade era extremamente pacata e seu centro histórico estava praticamente abandonado, o que a fez, portanto, se tornar um refúgio para os artistas se fixarem por lá.

Além desse “refúgio”, os artistas do movimento encontraram apoio de imediato do prefeito que governava Olinda: Eufrásio Barbosa. Eufrásio, considerado na época como um político de esquerda e que apoiava questões que envolviam arte e cultura, corroborou com os artistas do movimento também visando melhorias e uma “revitalização” do Centro Histórico através da relação que o movimento iria ter com o turismo na cidade.

É criada, portanto, uma secretaria de turismo e cultura e o prefeito Eufrásio Barbosa nomeia um dos principais líderes do movimento da Ribeira, o artista gaúcho Adão Pinheiro. Portanto, com o lugar (o antigo Mercado, fato relatado no tópico anterior) já acertado, o apoio político necessário e (ainda) sem a opressão da ditadura ter chegado às ruas de Olinda, o Movimento de Arte da Ribeira começa a se consolidar.

Os artistas que participaram da formação do Movimento, além de ter originado a primeira exposição e também de atuarem na restauração

arquitetônica do Mercado foram: Guita Charifker, José Tavares, José Barbosa, Adão Pinheiro, Ypiranga Filho, Roberto Amorim, João Câmara, o já reconhecido Vicente do Rego Monteiro, Montez Magno, Anchises Azevedo e Tiago Amorim. A grande maioria era do eixo Recife-Olinda, mas há alguns que são naturais de outros Estados, mas que viveram e se estabeleceram em Pernambuco.

Os artistas produziam e criavam dentro da linguagem das artes visuais, mas cada um dentro de uma categoria que, mais para frente, seriam significativas dentro do universo de cada artista, como por exemplo a artista Guita Charifker que produziu predominantemente desenhos e gravuras, João Câmara, Adão Pinheiro e Vicente Monteiro dentro da pintura, José Barbosa dentro do universo da talha – produção que, mais pra frente, torna a cidade de Olinda reconhecida nacionalmente- , entre outros casos.

Figura 2
Guita Charifker,
Sem Título (1974).
Nanquim sobre papel
colado sobre madeira,
s.d. Fonte: Acervo
Guaianases/Departa-
mento de Ciência da
Informação, UFPE.

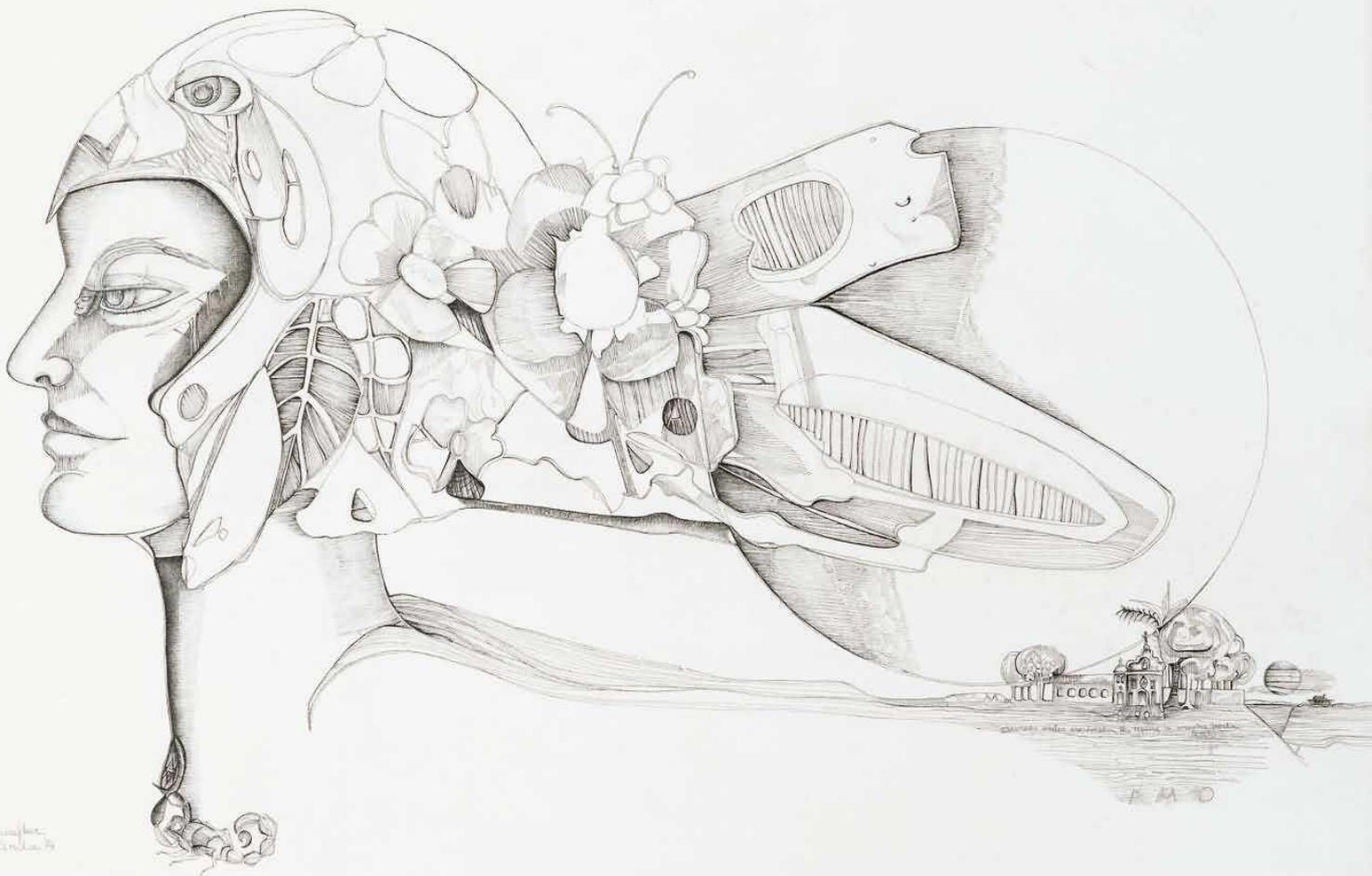


Figura 3

João Câmara, *Eclesiástico* (1965). Óleo sobre madeira, s.d.
Fonte: <<https://www.joocamara.com/>>



Figura 4

Vicente do Rego Monteiro, *As Religiosas* (1969). Óleo sobre hardboard, s.d. Fonte: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes/RJ.



O que faz o Movimento de Arte da Ribeira ser importante dentro da história da arte pernambucana e também brasileira são suas principais características artísticas. O cerne do movimento é de aproximar a arte dita popular com a arte mais erudita, onde a afirmação da identidade regional e o uso de técnicas e suportes não frequentemente usados na arte mais “clássica” foi um dos pontos-chave do movimento. Os artistas buscavam, já herdado do Atelier Coletivo, em ensinar e exibir uma arte que engajava a coletividade e a colaboração. O próprio local escolhido, o Mercado da Ribeira, fascinou os artistas por sua estrutura: um mesmo lugar, com espaços abertos e fechados, para ensinar, produzir e expor.

A primeira exposição do grupo foi, portanto, dia 15 de novembro de 1964. Diversas personalidades, como políticos, intelectuais, artistas e a sociedade civil estavam presentes, lotando o pátio da Ribeira. Segundo Barreto (2008), a inauguração da galeria da Ribeira foi um sucesso tanto de público, como de vendas de obras. E um fato de interesse foi a elaboração do convite da inauguração, que além de ter sido produzido sob a técnica da xilogravura, foi feito em papel de embrulhar carne, remetendo ao antigo ofício do mercado.

Além de cada artista produzir obras de diversos temas e questões, grande parte da criação artística – esteticamente e visualmente falando – tem como influência a própria paisagem e arquitetura histórica olindense. Diversas pinturas, talhas, esculturas foram feitas para mostrar que “[...] a valorização pelo sítio antigo de Olinda, como lugar de expressão artística e de beleza paisagística, foi deflagrada por meio desse movimento”. (BARRETO, 2008, p.53). Isso fez com que ocorresse uma valorização maior para o patrimônio cultural e artístico da cidade, compreendendo que o centro histórico de Olinda era essencialmente importante para a história da formação de Pernambuco e do Brasil. Mais pra frente, será visto que essa preocupação e influência que a visualidade e história do sítio antigo gerou nos artistas e outros intelectuais acabou intervindo em reconhecimentos e prêmios, como o título de Patrimônio Cultural da Humanidade atribuído pela UNESCO, em 1982.

Depois do sucesso da primeira exposição, para fazer um panorama do que foi surgindo entre 1964-1965, dia 29 de novembro, 14 dias após a estreia do “Atelier” da Ribeira foi inaugurada uma mostra inédita no Brasil: santuários dos séculos XVII e XVIII pertencentes ao colecionador Abelardo Rodrigues.



Figura 5
José Barbosa, Sem
Título (1979), talha
em madeira, s.d. Fonte:
Site ARTE! Brasileiros
<<https://artebrasileiros.com.br/arte/divulgacao/jose-barbosa-luz-propria/>>

Já em janeiro de 1965, iniciam-se as inscrições da primeira turma dos cursos de iniciação às artes plásticas. É nesse momento que o Movimento da Ribeira começa sua escola de artes, lecionando tanto cursos de técnicas como o de História da Arte. Inclusive o Movimento fez parceria com a prefeitura para que o curso pudesse oferecer bolsas para discentes de classes mais baixas. Em seguida, no mês de fevereiro, a Galeria da Ribeira recebeu uma exposição sobre os estandartes e indumentárias dos antigos carnavais de Olinda.

Entre fevereiro e março de 1965, a Galeria trouxe uma aparição artística importante: houve a primeira individual de Francisco Brennand, onde o artista expôs 15 pinturas a óleo, além de várias peças de cerâmica – sua especialidade. Já em abril de 1965, foi inaugurada uma exposição de arte religiosa com pinturas, desenhos e esculturas feitas pelos artistas da Ribeira e talhas barrocas do acervo de Abelardo Rodrigues.

Em 15 de maio de 1965 foi inaugurada uma das exposições – se não a exposição – mais importante do Movimento da Ribeira. A mostra intitulada “A mulher na arte pernambucana” contou com artistas já reconhecidas – como a própria Guita Charifker – como artistas novatas que vinham fazendo o curso de artes plásticas do Movimento da Ribeira e que se dedicaram – e se destacaram – na vida artística. Participaram da exposição: Maria Carmem, Guita Charifker, Helena Farias, Mariza Lacerda, Sílvia Barreto, Dulce Araújo, Vânia Reis e Silva, Celina Cezario de Melo, Tereza Carmem, Inalda Xavier, Ladjane Bandeira, Lúcia Carneiro, Ranúzia Firripaldi e Tereza Costa Rêgo.

Além de grande público, a exposição sinaliza um importante movimento artístico feminino pernambucano de extrema proeminência, visto o contexto artístico (como, naquela época, os meios e ambientes artísticos

ainda essencialmente masculinos) como também o histórico – visto toda a opressão da ditadura militar recém-instalada no país.

Em junho de 1965, inicia-se uma exposição em retrospectiva de Laerte Baldini. Um fato interessante é que quem inaugura a exposição é Assis Chateaubriand. Mais pra frente, veremos que Assis será uma personalidade essencial da vida artística e museológica de Olinda, pois além de ter doado um grande acervo artístico, inaugurou, com este acervo, o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco – o MAC/PE.

No mês seguinte, é inaugurada uma outra exposição, contando apenas com artistas paraibanos. Trabalhos em pintura e desenho de Raul Córdula, Flávio Tavares, Regis Cavalcanti, Guilhermina Caldas e Celene Sitônio foram expostos. Em agosto foi inaugurada a exposição que contou com objetos, pinturas, esculturas, fotografias e outros documentos sobre costumes, danças, comidas e cultos africanos e suas influências no Brasil.

O Movimento da Ribeira se tornou constantemente ativo durante quase 1 ano no Mercado, contando com as exposições, aulas e encontros. Porém, não tardaria até a opressão e censura da Ditadura chegar nas ruas de Olinda, principalmente no Centro Histórico, local onde os haviam muitos artistas. O que aconteceu foi que, além de diversas “denúncias” dos próprios moradores vizinhos ao Mercado, houve também uma repressão ainda maior, que fez Adão Pinheiro se afastar do cargo de secretário de turismo e cultura e depois, o próprio prefeito, Eufrásio Barbosa, também se ausentar do cargo. O Movimento da Ribeira, com pouco menos de 1 ano de atividades, deixa o Mercado da Ribeira e determinam outro local para continuarem suas atividades.

Em 1965, o pintor Vicente do Rego Monteiro assume o lugar de Adão Pinheiro como secretário de turismo e cultura e monta seu atelier no Sítio Histórico. O que acontece de 1965 em diante é uma tentativa de manter o circuito artístico do Mercado e do legado do movimento da Ribeira ativo. Porém, mesmo com diversas exposições terem ocorrido até pelo menos início dos anos 70, o Mercado se viu mais fechado do que aberto.

O Movimento da Ribeira e seus artistas mudaram-se para um sobrado, de número 154, na rua de São Bento, e fundaram a oficina 154, uma cooperativa com os mesmos artistas, na tentativa de se organizarem e se profissionalizarem ainda mais.

De 1966 em diante, há uma grande ruptura e separação de muitos artistas, onde alguns voltam pra Recife, outros continuam em Olinda. Outras várias tentativas de reabrir e continuar as exposições no Mercado da Ribeira aconteceram, mas que não deu certo. Nos anos 70 o Mercado fecha suas portas e só no início dos anos 1980 ele reabre com a Oficina Guaianases de Gravura, um coletivo composto com basicamente todos os artistas do Movimento da Ribeira e com novos outros artistas. O coletivo Guaianases já havia começado suas atividades no final dos anos 1970 em Recife, mas que nos anos 1980 vai para a antiga sede do movimento, o novamente Mercado da Ribeira.

No ano de 1967 houve a abertura da I Semana de Arte de Olinda, evento que ocupou a antiga casa dos bispos, atual Museu de Arte Sacra de Pernambuco - MASPE. O evento reuniu artistas do Atelier Coletivo, dos anos 1950, como Abelardo da Hora, artistas do Movimento da Ribeira, como João Câmara, José Cláudio, Anchises Azevedo e outros artistas que hoje são reconhecidos do circuito artístico e literário, como Francisco Brennand, Samico, Lula Cardoso Ayres, Ladjane Bandeira, Delano, entre outros.

O Evento da I Semana de Arte de Olinda é prova das influências que o ativismo artístico do Movimento da Ribeira foi ecoando por entre a cidade. Apenas 3 anos depois do início do Movimento e já com um cenário de separações e novos projetos dos artistas, a Semana de Artes reúne um importante grupo de artistas de vários círculos e coloca suas obras lado a lado.

Além da I Semana de Arte de Olinda, houve diversos outros (re)começos, novos projetos e reconhecimentos que o grupo artístico trouxe tanto para a cena artística da cidade, quanto para seu patrimônio cultural. O Movimento da Ribeira fez com que outras pessoas enxergassem a riqueza e o valor que o Centro Histórico de Olinda possui, tanto pelo seu complexo paisagístico, como também pela quantidade de artistas e artesãos que foram montando seus ateliês desde meados dos anos 60 até hoje, com trabalhos de linguagens diversas.

O legado e as influências contemporâneas do coletivo da Ribeira

O Movimento da Ribeira teve uma importância de tamanho notável para o circuito artístico feito a partir dos anos 60 em Pernambuco. Olímpio Bonald (1983 *apud* Barreto, 2008) afirma que “somente com ele [o Movimento da Ribeira] passou a haver a verdadeira participação popular na arte erudita pernambucana”. Barreto (2008) nos traz uma noção de como o Movimento reavivou um novo ciclo cultural, artístico e patrimonial na cidade, onde ela assegura que

A construção do sentido que foi atribuída à paisagem de Olinda pela influência do Movimento da Ribeira levou a que fossem evocadas representações culturais, consubstanciadas nos interesses do grupo que a instituiu, os artistas, dentre os quais cabe destacar: “Matriz do renascimento artístico do Nordeste” (Bonald, 1983), “Ateliê coletivo a céu aberto” (Pinheiro, 2004), “Montmartre Nordestina” (Vamireh, 1983), remetendo ao antigo bairro de Paris conhecido pela grande quantidade de artistas plásticos praticando suas atividades artísticas nas ruas ao ar livre. (BARRETO, 2008, p,88)

Há três pontos em que o Movimento de Arte da Ribeira se destaca mais fortemente pelo seu legado. O primeiro foi o próprio projeto do MAC/PE. O Movimento da Ribeira influencia na criação do Museu de Arte Moderna – como seria chamado, mas que passa a ser o que hoje é o Museu de Arte Contemporânea, situado na rua 13 de maio, na antiga Casa da Cadeia. Assis Chateaubriand, idealizador do museu, diz que se inspirou muito no movimento e no reerguer da cidade através da arte na ocupação do Centro Histórico.

O segundo ponto importante do legado do Movimento foi o surgimento, criação e estabelecimento de diversos ateliês e coletivos de arte em Olinda. A ideia gerada de uma arte mais participativa e menos elitizada se espalhou por Pernambuco, e vários artistas de diversas cidades se uniram em coletividade e se fixaram pelo Centro Histórico. Alguns coletivos, galerias e ateliês criados foram: o Atelier Mais 10, em 1965; a Galeria Sobrado 7, criada em 1967; a Galeria 3 Galeras, 1967; a Galeria Varanda, em 1967; Galeria *Lautréamont*; Galeria Senzala; Galeria Franz Post; entre dezenas de outros projetos. Entre 1985 a 1992, segundo Barreto (2008), também houve uma nova onda de experiências artísticas, como o Atelier Coletivo de Olinda, nome em homenagem, mais uma vez, ao artista Abelardo da Hora e seu coletivo nos anos 50. Em 1989, realizaram uma exposição nomeada “Viva Olinda Viva” no casarão do *marchand* Baccaro.

Já nos anos 2000, se destaca a criação do evento Arte em Toda Parte, que ocorreu anualmente no Centro Histórico, tendo sua última versão acontecido no ano de 2011. Esse programa contava com a abertura de todos os ateliês de artistas e artesãos que moravam na parte histórica da cidade, além de visita a monumentos históricos, exposições, etc.

Atualmente o Sítio Histórico ainda possui centenas de ateliês e dezenas de galerias espalhadas pelos casarões e sobrados. Este ano, para reacender a ideia do Arte em Toda Parte, surgiu o Olinda Aberta, reabrindo os ateliês, somando às outras diversas atividades artísticas e culturais.

O Mercado da Ribeira, edifício histórico que foi sede do Movimento, atualmente funciona como ponto turístico - não apenas por seu passado colonial -mas porque em cada box há ateliês e lojinhas de artesanato de diversas formas. Há de se criticar a gestão do local, que precisa urgentemente de uma nova restauração e atenção dos órgãos públicos para melhorias tanto para o monumento, quanto para os próprios artesãos.

Bonald (1983) nos traz uma revisão histórica do que foi o Movimento em algumas palavras:

O poder de irradiação deste pequeno e atuante grupo, o trabalho entusiasta e organizado promovendo cursos livres de desenho, pintura, estética, escultura, entalhe, xilogravura, batike e as coloridas vernissages, as festas folclóricas e as novas atrações turísticas, fizeram surgir, numa reação em cadeia, outros grupos. O movimento atraiu numerosos artistas para a velha capital (onde todas as semanas, entre 63 e 65, se abriam novas galerias e ateliers), interessou antigos e novos comerciantes de arte, aparecendo então a insinuante figura do *marchand au tableau* povoando os sobrados e os sovações do casario centenário de Olinda e no Nordeste relacionado com talhas, artesanato geral de madeira cortada e pintada a partir de 64, pode-se dizer que sofreu influência direta ou indiretamente do grupo da Ribeira. (BONALD, 1983, p. 30 *apud* BARRETO, 2008, p.86).

O terceiro ponto que contempla o legado pós-Ribeira são os prêmios e reconhecimentos que o Movimento trouxe para a cidade, agora tratando-se da importância histórica e patrimonial que o Centro Histórico de Olinda possui.

A questão cultural e paisagística do Sítio Histórico de Olinda teve uma repercussão grandiosa, e através das obras artísticas que o Movimento da Ribeira produziu, pode-se dizer que, com a ajuda dos artistas através

de seus trabalhos e de seus olhares perante a cidade e sua vizinhança histórica, que a cultura e a paisagem da cidade começaram a ser, de fato, mais reconhecidas, preservadas e difundidas. O Movimento da Ribeira e sua restauração do Mercado feita pelos artistas em 1964 ativou um movimento para tornar Olinda e seu conjunto arquitetônico e cultural uma cidade tombada e registrada de forma material e imaterial de maneira oficial. A partir disto, foi criado, por exemplo, o Plano de Preservação de Sítios Históricos (PPSH, 1978) e mais tarde a cidade ganha os títulos de Monumento Nacional (1980) e de Patrimônio Cultural da Humanidade (1982), completando, deste título, 40 anos de reconhecimento em 2022.

É importante relatar que, nos dias atuais da escrita deste texto, o Centro Histórico de Olinda possui diversos problemas e obras de restauração paradas ou sequer iniciadas, acarretando sérios problemas a continuidade de diversos monumentos arquitetônicos e artísticos de continuarem vivos. O MAC/PE é exemplo deste descaso, que há anos está parado. Tudo isso põe em risco obras raras de artes visuais que só existem na reserva técnica do espaço.

Considerações finais

Os artistas do século XX em Pernambuco, particularmente os anos 50 e 60 acrescentaram à História da Arte nordestina e brasileira um novo paradigma do que vinha acontecendo no modernismo na arte. O surrealismo de Guita Charifker nas suas gravuras, o abstracionismo de Montez Magno, as formas arredondadas e modernistas de Vicente do Rego Monteiro, o trabalho em talha de José Barbosa, apenas para citar alguns artistas, foram essenciais na construção e trajetória das artes no Estado, sem contar com a contribuição valiosa no ensino de arte e na valorização do patrimônio.

Outra questão é a mistura e inserção de técnicas ditas “dos artesãos”. O que houve no Movimento da Ribeira é que arte e artesanato se mixam e se unem. Não há divergências e hierarquias entre essas áreas aqui. O popular e a arte mais “restrita” se interrelacionavam, numa busca de fazer obras de diversos tamanhos, materiais, formas e linguagens, já fugindo da dupla produção padrão de pintura-escultura.

Este movimento representou, em suma, uma

[...] importante contribuição para as artes em Olinda, pois defendia uma ideologia nova de educação para a arte, tanto técnicas de desenho, pintura, gravura e escultura, como para o artesanato, estimulando a criatividade e desenvolvendo novas técnicas artísticas. (NASCIMENTO, 2009, p.407).

Essa contribuição e legado artístico-educativo-patrimonial do Movimento da Ribeira permanece - mesmo que ainda, de certa forma, escondida e ainda meio borrada - sendo notável para a trajetória teórica e histórica das Artes Visuais pernambucana e brasileira.

Referências

BARBOSA, Robson. 12 de novembro de 2020. Mercado da Ribeira, Olinda. Disponível em: <https://memoriaescravidaope.wordpress.com/2020/11/12/mercado-da-ribeira-olinda/> Acesso em: 08/02/2022.

BARRETO, Juliana Cunha. De Montmartre Nordestina a Mercado Persa de Luxo: o Sítio Histórico de Olinda e a Participação dos Moradores na Salva-guarda do Patrimônio Cultural. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). UFPE: Recife, 2008.

CÓRDULA, Raul. Utopia do Olhar. Recife: FUNDARPE, 2013.

DEL PRIORI, Mary. Histórias da Gente Brasileira. São Paulo: Editora, Leya, 2016.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 7 de outubro de 1965. O “Diário” de Olinda. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22movimento%20da%20ribeira%22&pagfis=38785. Acesso em: 08/02/2022.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 10 de agosto de 1966. Em torno do museu de Olinda. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22movimento%20da%20ribeira%22&pagfis=44595. Acesso em 08/02/2022.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 29 de outubro de 1964. Atelier Coletivo e Galeria Permanente. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocRea->

der/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=32371. Acesso em 09/02/2022.

DIÁRIO, de Pernambuco, jornal. Recife, 1 de novembro 1964. Exposição de Pintura e Arquitetura. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=32446. Acesso em 09/02/2022.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 14 de novembro de 1964. Olinda terá, a partir de amanhã, a sua Galeria Permanente de Arte. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=32686. Acesso em: 09/02/2022

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 25 de novembro de 1964. Apresentação inédita. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=32924. Acesso em: 09/02/2022.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, S/D. Artes Plásticas. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=34140. Acesso em: 09/02/2022.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 23 de maio de 1965. A mulher na Arte Pernambucana. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=36201. Acesso em: 09/02/2022.

DIÁRIO de Pernambuco, jornal. Recife, 06 de junho de 1965. Exposição na Ribeira quem vai inaugurar é Assis Chateaubriand. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22galeria%20da%20ribeira%22&pagfis=36481. Acesso em: 09/02/2022.

MARINHO, Daniel Praciano. Patrimonialização do sítio histórico de Olinda: cultura e afetos na reinvenção de uma cidade. Dossiê Práticas Editoriais e Intermediações da Cultura Arquivos do CMD, v.7, n.1. Jan/Jun, 2018.

NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos do. Memória de Olinda: história, psicanálise, paixão e arte. Salvador: EDUFBA, 2009.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTOS, Agostinho Daciel dos Santos. O turismo Histórico, Artístico, Religioso e Cultural na Cidade de Olinda como Desenvolvimento Local. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública). Recife: UFPE, 2006.

Documentos e pareceres

MELLO, José Aylton Coelho de. Informe Técnico. Diretoria de Preservação da cidade de Olinda. Arquivo Público de Olinda, 1965.

DOCUMENTO do Conselho de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda. Arquivo Público de Olinda, 1986.

OFÍCIO do Conselho de Preseravações dos Sítios Históricos. Arquivo Público de Olinda, 1982.

Catálogos

I Semana de Arte de Olinda. Catálogo, Arquivo Público de Olinda. 1ª Edição, 1967.

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

